



nara roesler

electric dreams

curadoria de
raphael fonseca

ana cláudia almeida
victor arruda
thiago barbalho
lia menna barreto
cristina canale
j. cunha
virgílio neto
renato pera
kauam pereira
maya weishof

nara roesler rio de janeiro
29 mai – 14 ago, 2021

Nara Roesler Rio de Janeiro orgulha-se em anunciar a exposição coletiva *Electric Dreams*, com curadoria de Raphael Fonseca. A mostra apresenta um grupo de dez artistas de diferentes gerações e regiões do país, cujos trabalhos trazem em seu cerne a dimensão do estímulo sensorial, remetendo-nos à fisicalidade e ao corpo humano, ao mesmo tempo em que evocam a atmosfera onírica do sonho.

Electric Dreams – ‘sonhos elétricos’, em português – faz referência a duas fontes que, por sua vez, encontram-se estreitamente relacionadas. A primeira, é o filme de ficção científica de mesmo título, dirigido por Steve Barron. O longa, lançado em 1984, narra a rivalidade entre um arquiteto e seu computador, ambos apaixonados pela moradora do apartamento de cima. A segunda, é a música composta especialmente para o filme, *Together in Electric Dreams*, de Giorgio Moroder e Philip Oakey, intérprete e vocalista da banda The Human League.

Como uma máquina poderia experimentar o amor, o prazer e o sexo se ela não possui um corpo humano? Esse dilema presente na narrativa cinematográfica se faz complementar com a canção que nos convida a lembrar das dádivas que são a vida e a capacidade de sonhar. O sonho torna-se, então, o espaço de encontros que nos parecem impossíveis, o lugar onde vivenciamos experimentações sensoriais movidas pelo desejo, sem limitações da matéria.

A exposição *Electric Dreams*, por sua vez, aborda essa ideia ao apresentar uma diversidade de

práticas artísticas capazes de evocar diferentes sensações. Para isso, os artistas se valem das mais diversas estratégias, principalmente o uso de cores vibrantes; assim como a atmosfera de dissolução das formas, em que a expressividade da mancha pictórica e do gesto parecem escapar de qualquer vontade figurativa; e os mecanismos de repetição de imagens, de serialidade de um mesmo objeto, ou da variação incessante de um mesmo tema; além do corpo como tema. As imagens apresentadas tornam-se potenciais materializações dos sonhos dos artistas, carregando traços de individualidade que não deixam de convocar o público a partilhar delas, a sonhar junto.

Electric Dreams nos conduz a refletir sobre a importância da imaginação e do devaneio no momento em que as incertezas do isolamento parecem raptar nossa capacidade de projetar um futuro ao mesmo tempo em que reduzem os estímulos físicos à repetição do cotidiano, transformando o corpo em uma espécie de máquina. Nesse sentido, sonhar torna-se não um escape da realidade, mas um modo de resistir à crueza do cotidiano e de gerar encontros.

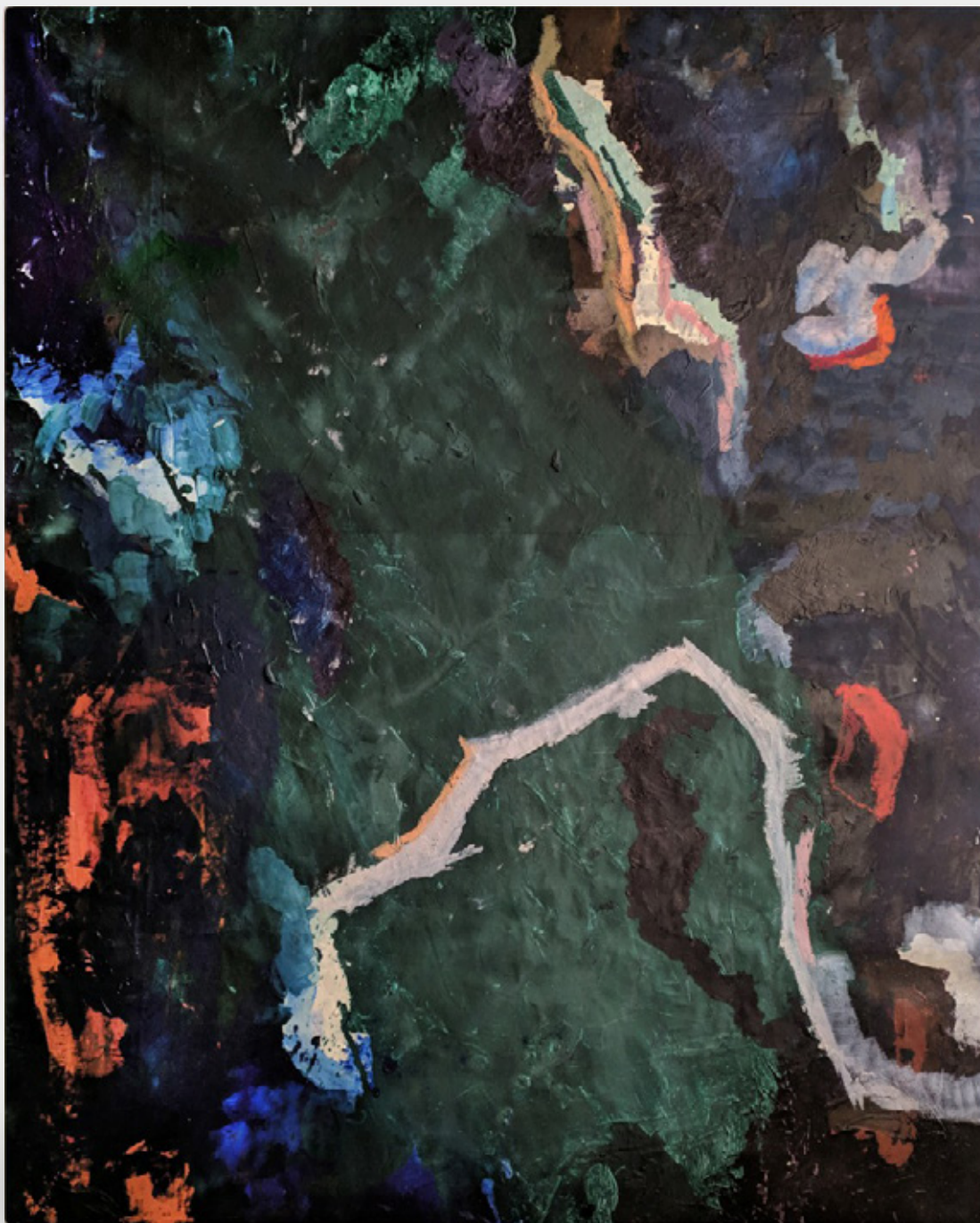
ana cláudia almeida

n. em 1993, no Rio de Janeiro,
onde vive e trabalha

Camadas de cores e matéria se sobrepõem e interpenetram na prática de Ana Almeida, criando um rico efeito de textura e cores capaz de fundar uma complexa temporalidade interdependente das relações espaciais estabelecidas. Nesse sentido, pode-se dizer que Almeida cria superfícies narrativas, espaços que contam a própria história do seu vir-a-ser imagem. Sua prática estabelece relações com a tradição da paisagem, ainda que de modo indireto, pois o que impera é a organicidade das formas e a criação de atmosferas e superfícies que evocam o mundo natural, mais do que referências explícitas. Sobressai, também, uma qualidade líquida em seus trabalhos que se faz presente pelas manchas, transparências e escorridos, ou até mesmo no crispado denso da tinta que nos passam a impressão de movimento, trazendo para a tela a dinâmica da correnteza dos rios, devido a fluência dos gestos que deposita o pigmento no suporte.



Ana Cláudia Almeida
Sem título, 2021
óleo, areia, PVA, resina acrílica
e pigmento sobre tela
140 x 180 cm



Ana Cláudia Almeida
Sem título, 2020
tinta óleo e giz pastel oleoso sobre tela
100 x 80 cm

victor arruda

n. em 1947, em Cuiabá

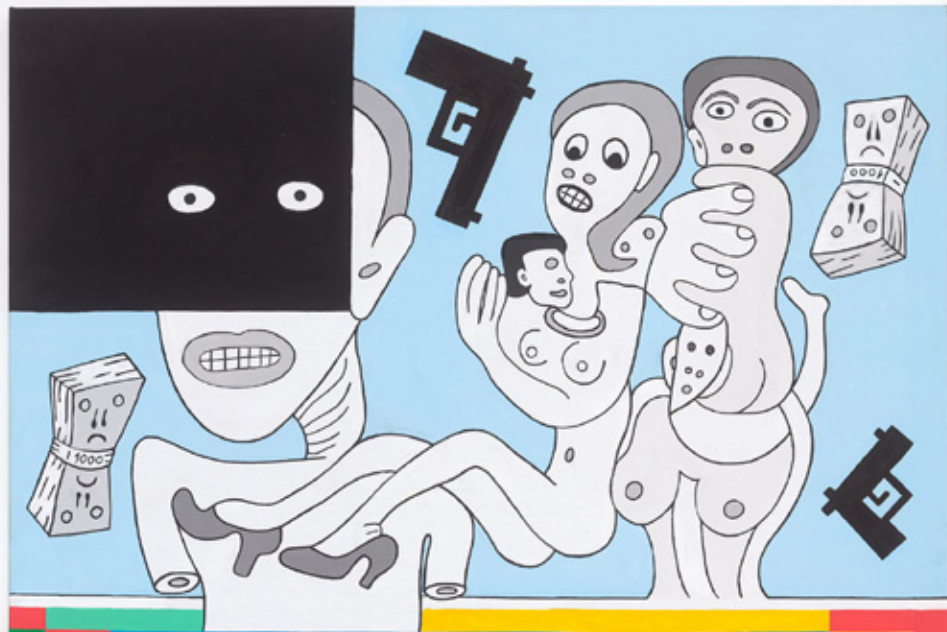
vive e trabalha no Rio de Janeiro

“Eu sou um coquetel-molotov”, assim se descreve o pintor e desenhista Victor Arruda. Tal afirmação reverbera em sua prática, na mistura e explosão das múltiplas referências, que vão de Magritte à On Kawara, de Paul Klee à Basquiat, passando por Roy Lichtenstein. Seus trabalhos caracterizam-se por traços energéticos de caráter gráfico e cores vibrantes. As temáticas abordadas são pautadas pela violência e pelo erotismo. A primeira, ele aborda tanto de modo direto, fazendo uso de cenas retiradas da vida cotidiana propagadas pela mídia, ou evidenciando as suas formas veladas presentes nas relações de poder que moldam a sociedade brasileira, tais como o racismo, a hipocrisia, a homofobia e a idolatria ao dinheiro; ou de forma sutil, oferecendo diferentes representações de sofrimentos psíquico, como a solidão e a angústia, temas que se fazem ecoar de modo patente pelo seu interesse pela psicanálise. Já a segunda, aparece com a mesma pungência, em corpos que se colidem em se entrelaçam, muitas vezes em abordagens homoeróticas.



Victor Arruda
Duas famílias, 2020
tinta acrílica sobre tela
180 x 125 cm







Victor Arruda
No espelho, 2019
tinta acrílica sobre tela
140 x 190 cm

thiago barbalho

n. em 1984, em Natal

vive e trabalha em São Paulo

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, aguarela, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas que parecem radicalizar e dotar de um ar contemporâneo e lisérgico o universo fantástico de Hieronymus Bosch. O aparente caos de suas imagens surgem do vagar do gesto que se recusa a submeter-se às lógicas formais ditadas pela racionalidade. De fato, deparamo-nos em seu trabalho com fragmentos diversos, uma profusão de referências de diferentes esferas, da cultura pop à tradição da história da arte, desierarquizando categorias e a própria relação entre figura e fundo.



Thiago Barbalho
Peito de pombo, 2021
lápis de cor, grafite, caneta esferográfica,
marcador permanente, acrílica, óleo
e spray sobre papel
101 x 116 cm







Thiago Barbalho
Atrás do que vi (Yarinacocha, Amazônia peruana), 2021
lápis de cor, grafite, caneta esferográfica
e marcador permanente sobre papel
13 peças de 21 x 14,8 cm



Thiago Barbalho
Atrás do que vi (Yarinacocha, Amazônia peruana), 2021
lápiz de cor, grafite, caneta esferográfica
e marcador permanente sobre papel
21 x 14,8 cm



Thiago Barbalho
Atrás do que vi (Yarinacocha, Amazônia peruana), 2021
lápiz de cor, grafite, caneta esferográfica
e marcador permanente sobre papel
21 x 14,8 cm

lia menna barreto

n. em 1959, no Rio de Janeiro
vive e trabalha em Eldorado do Sul

A produção de Menna Barreto está ancorada no interesse por materiais pouco convencionais dentro da tradição escultórica. No início da década de 1980, a artista se debruça sobre a espuma, criando formas cuja aparência oscila entre o sólido e o orgânico. Essa característica sintoniza Menna Barreto aos interesses da geração de artistas da década de 1980, em que a pesquisa com a matéria e a impressão do gesto como rastro da presença criadora do artista se contrapõem ao rigor formal e conceitual que guiava a produção de

movimentos artísticos anteriores. Nesse período, Menna Barreto também passa a incorporar brinquedos de diferentes materiais em seus trabalhos. O manuseio desses elementos torna-se um dos traços distintivos de sua produção, visto por muitos críticos como uma poética voltada para a subversão do universo infantil. Contudo, a perversão que parece sobressair não se distancia da curiosidade da criança que investiga seus brinquedos, destruindo sua configuração original.

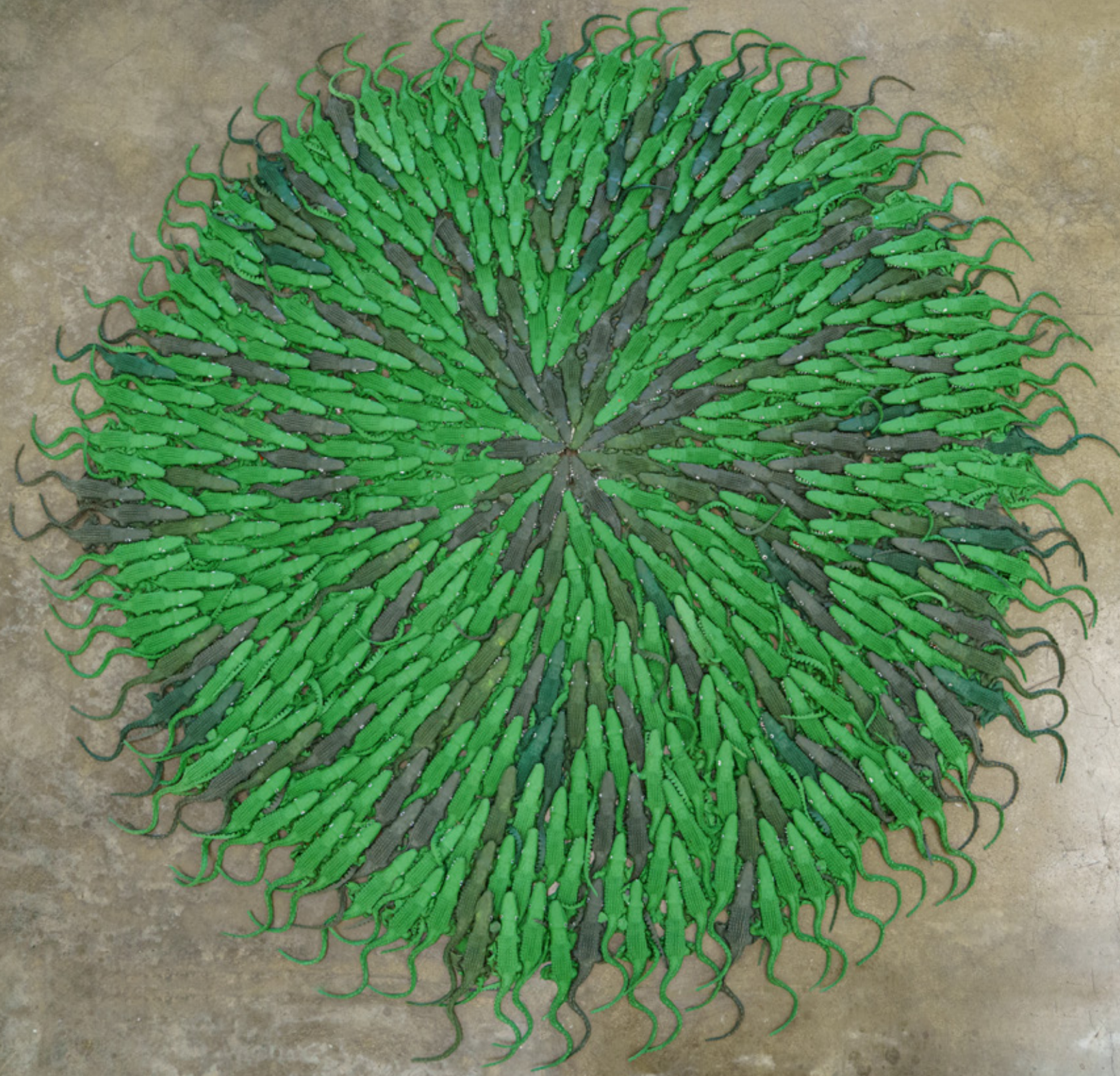


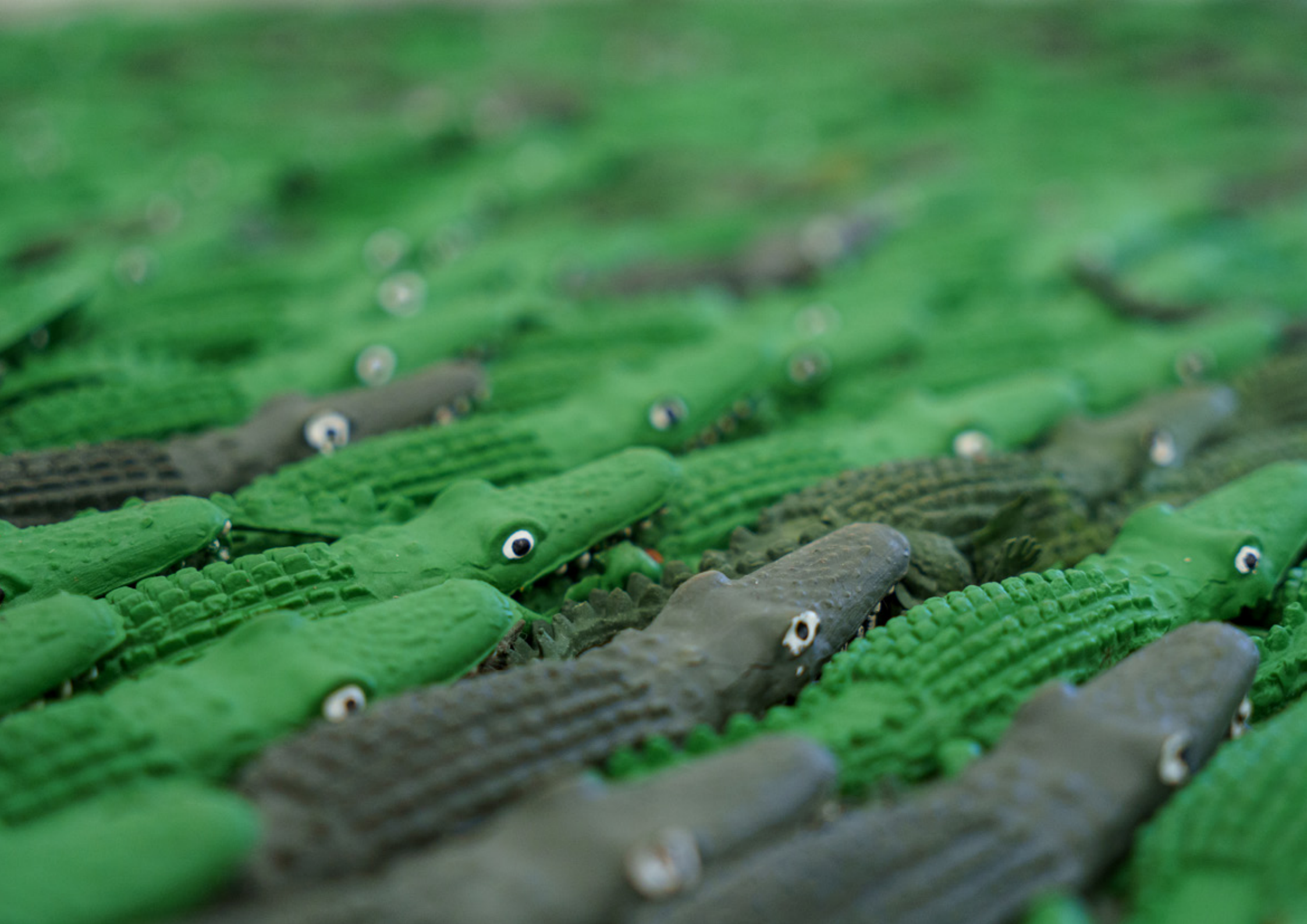
Lia Menna Barreto
Pintura de Taiwan, 2003
objetos de borracha
150 x 312 cm



Lia Menna Barreto
Tapete de jacaré, 2003
jacarés de borracha
5 x ø 200 cm







cristina canale

n. em 1961, no Rio de Janeiro
vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale
Lacrima Christie, 1989
tinta óleo sobre tela
2 peças de 180 x 150 x 4 cm (cada)

Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, a produção inicial de Cristina Canale está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas

que é notável em suas obras até hoje. As obras de Canale geralmente são baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária. Elas resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro.





j. cunha

n. em 1948, em Salvador, onde vive e trabalha

Descendente de bantos africanos e de índios kiriris, J. Cunha nasceu em Salvador, na Bahia. Por parte de mãe, carrega a herança sertaneja; por parte de pai, a tradição dos ciganos armênios. Da fricção dessas diferentes identidades e referências surge

seu trabalho, resultando em uma linguagem original, permeada de elementos, técnicas e materiais provenientes tanto da cultura popular brasileira, quanto da tradição da história da arte. Sua prática é verdadeiramente multidisciplinar. Ele atuou como artista visual, cenógrafo, figurinista e designer, realizando projetos nas linguagens da pintura, do objeto, da ilustração, da estamperia, além de instalações, logotipos e filmes, entre outros. Seus

projetos no campo das artes cênicas lhe renderam reconhecimento internacional, levando-o a participar de bienais e exposições ao redor do mundo. Nas artes visuais, seu trabalho obteve reconhecimento devido a sua expressividade formal, com cores vibrantes e linhas marcadas, levando-o a participar de inúmeras exposições, coletivas e individuais ao redor do mundo.



J. Cunha
Barroco Safado, 2012/2013
tinta acrílica sobre tela
140 x 300 cm



virgílio neto

n. em 1986, em Brasília

vive e trabalha em São Paulo

Os desenhos de Virgílio Neto constituem elaboradas narrativas labirínticas, uma espécie de mapa incapaz de localizar quem o manuseia. No papel, encontramos reunidos os mais diferentes fragmentos: palavras, texturas, padronagens, rabiscos, mas também pedaços de corpos retirados de livros de anatomia, instrumentos e ferramentas, figuras na iminência da desapareição. A fragmentação, de fato, é um dos elementos estruturantes de sua prática, tendo em vista tanto o caráter de incompletude de muitas de suas formas, quanto a reunião demasiada de imagens, criando uma espécie de arquivo visual que parece tender ao infinito. A riqueza de materiais (grafite, aquarela, lápis de cor e pastel seco), por sua vez, dota seus trabalhos de uma materialidade capaz de fazer a qualidade gráfica do desenho desafiar a noção de mancha pictórica.



Virgílio Neto

Electric Dreams, 2021

grafite, aquarela, lápis de cor
e pastel sobre papel

16 peças de 40 x 50 cm (cada)



GUIOMAR NAUPES
NICK CAVE
CARLOS DRUMMOND
M. BILLIE HOLIDAY

SAMA
NOVO



K.F.

FAMOSA

ALFACETINA

DORMIR



O QUE ELAS
NÃO FAZEM

BOBBA O O B



Virgílio Neto
Miúdos # 05, 2018/2020
grafite, aquarela, lápis de cor
e pastel sobre papel
25 x 19 cm



Virgílio Neto
Miúdos # 01, 2018/2020
grafite, aquarela, lápis de cor
e pastel sobre papel
25 x 19 cm



renato pera

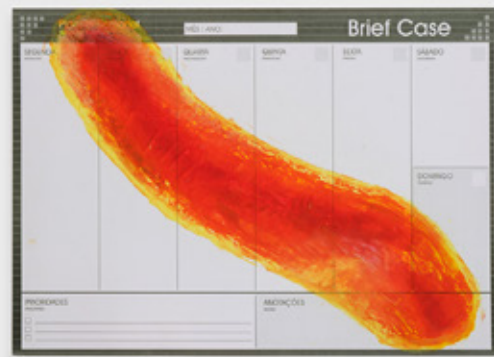
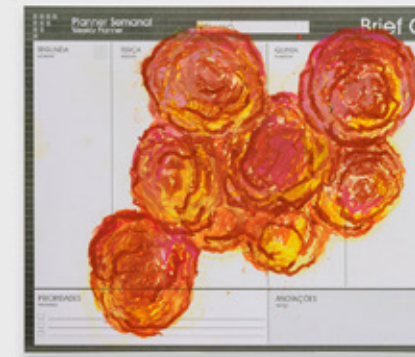
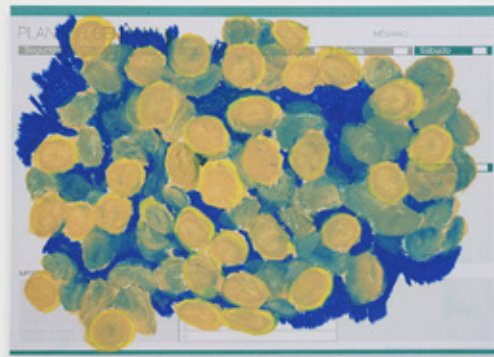
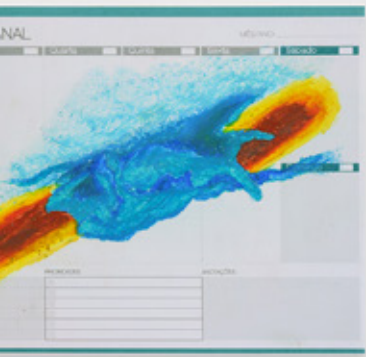
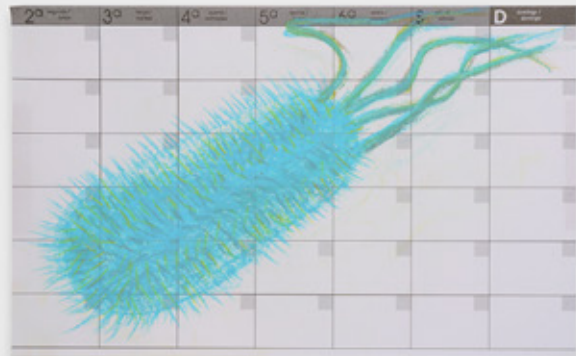
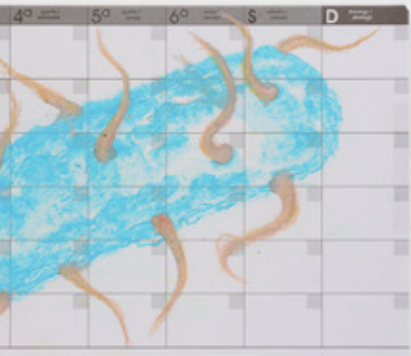
n. em 1984, em São Paulo, onde vive e trabalha

Renato Pera
série *80 desenhos (bactérias)*, 2019
pastel oleoso sobre papel
80 desenhos de 20 x 28 cm

A pesquisa de Renato Pera perpassa diversas linguagens, em especial o desenho, a pintura, a fotografia e o vídeo, além de meios tridimensionais, através de projetos instalativos. O espaço é um dos elementos estruturantes em sua prática. Isso se dá não só pelo seu interesse pelo espaço urbano, elemento de inspiração para o artista, mas também através do espaço doméstico, em especial os objetos tidos como demasiadamente familiares. Talvez, acima de tudo, seu interesse repouse no

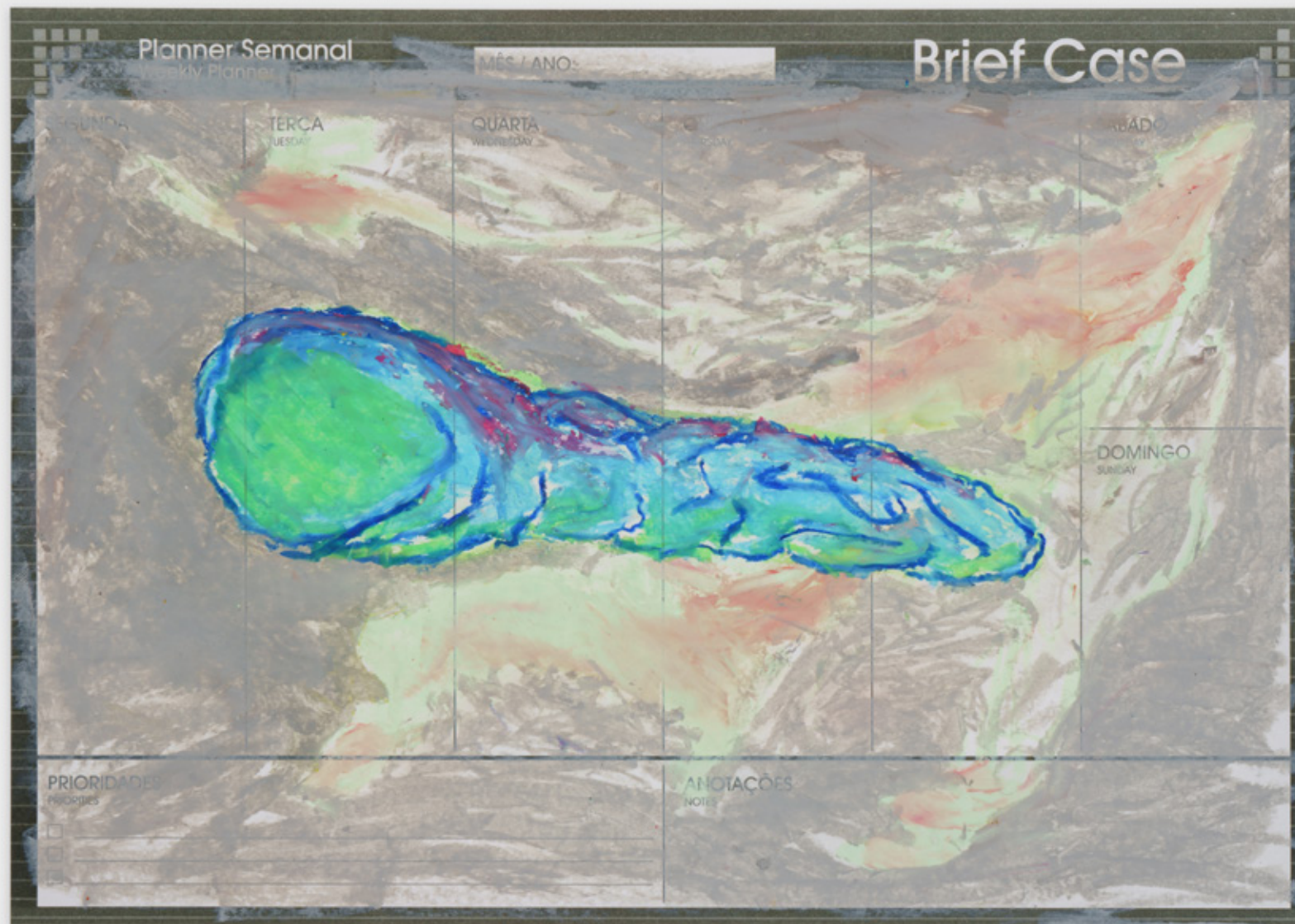
limiar entre o público e o privado, o social e o íntimo, a arquitetura e o desenho. Por outro lado sua produção perpassa as relações entre o visível e o invisível, seja ao ampliar consideravelmente aquilo que é quase imperceptível aos olhos, seja ao deslocar e transformar aquilo que, de tão corriqueiro, nos passa despercebido, ou, ainda, por atrair nossa atenção para aquilo que muitas vezes evitamos ver, por parecer sujo ou grotesco.







Renato Pera
Sem título, da série
80 desenhos (bactérias), 2019
pastel oleoso sobre papel
20 x 28 cm



Renato Pera
Sem título, da série
80 desenhos (bactérias), 2019
pastel oleoso sobre papel
20 x 28 cm

kauam pereira

n. em 1990, em Alagoinhas
vive e trabalha em Aracaju

O universo visual de Kauam Pereira se faz pela meticulosa reunião de referências provenientes de diferentes instâncias, entre elas as experiências enraizadas no imaginário popular nordestino; o universo visual do design de estampas e texturas de camisas, lambe-lambes e pôsteres; assim como elementos da cosmologia religiosa afro-brasileiro e da cultura afroindígena. Seu trabalho busca descolonizar o olhar fundado pela herança das escolas estéticas da arte ocidental, questionando seus fundamentos, de modo a expandir as possibilidades de representação e, conseqüentemente, de representatividade na arte. Seus desenhos, por sua vez, focam nos personagens e suas ações, mais do que na criação de espaços. Neles, vemos personagens com traços humanos ou antropomórficos, em cenas ambíguas que comportam do afeto erótico à violência. De fato, ao desprover suas imagens de um contexto somos lançados a nos questionar sobre as dualidades e sutilezas presentes nos gestos e na interação entre as personagens.

Kauam Pereira
Sem título, 2021
tinta acrílica sobre tecido de algodão
112 x 121 cm







Kauam Pereira
01 (da série *Ensaio sobre
um mundo espetacular*), 2021
grafite sobre papel
30 x 41,5 cm



maya weishof

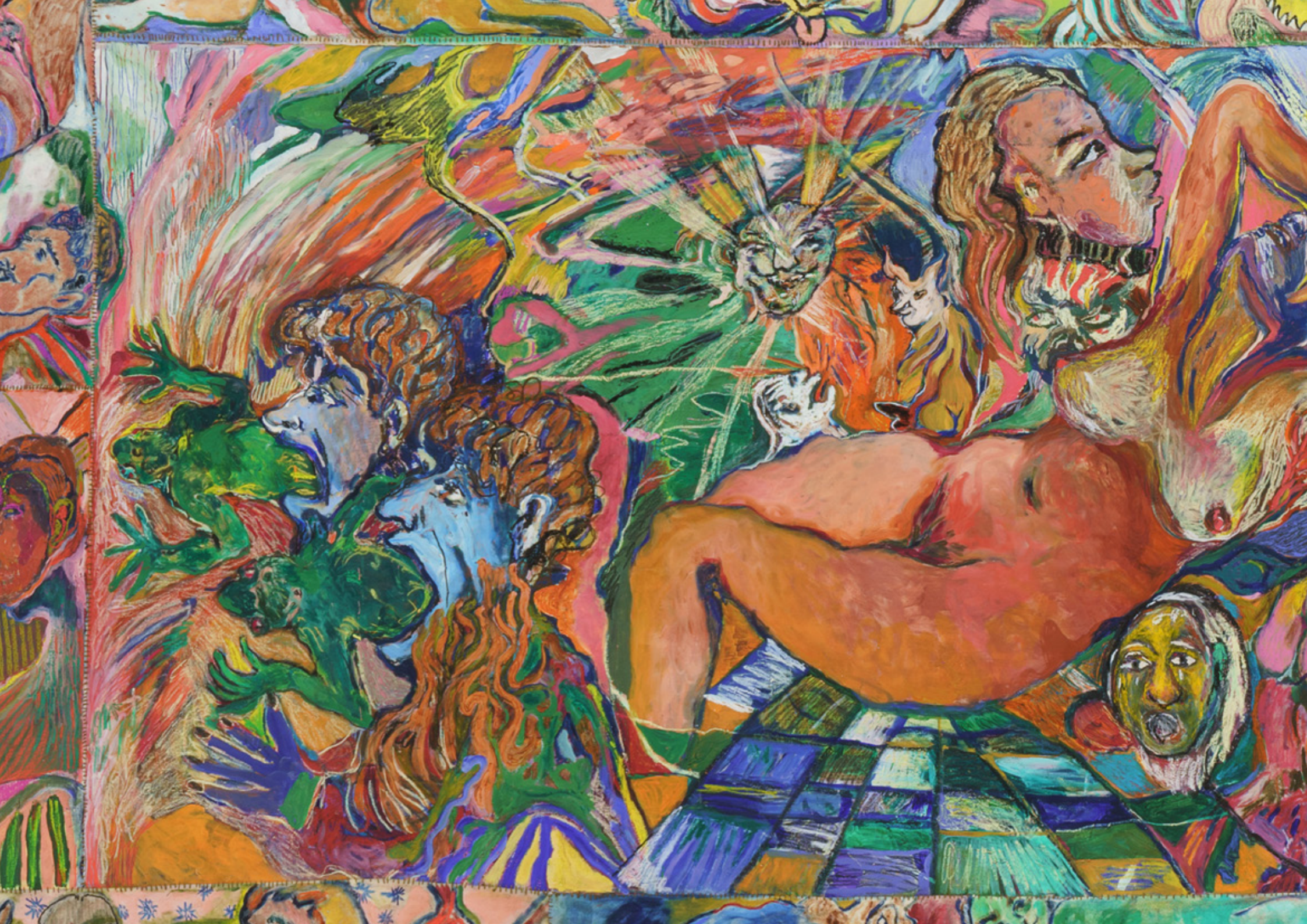
n. em 1993, em Curitiba
vive e trabalha em São Paulo

Maya Weishof
Depois daqui, 2021
tinta óleo, pastel oleoso, pastel seco
e costura sobre linho
250 x 528 cm

O trabalho de Maya Weishof se estabelece pela estreita relação entre as práticas do desenho e da pintura. No caso, uma afirma a outra, sem deixar, contudo, de sustentar sua própria autonomia. As composições de Weishof inserem-se na tradição da figuração. Elas são resultado do embaralhamento da memória, capaz de trazer, no gesto da mão, tanto as referências da história da arte, quanto do mundo contemporâneo, entrelaçando o já feito e

aquilo que só passa a existir, pela primeira vez, pelo ato criador do artista. Os trabalhos de Weishof são formas de encontro. Neles, vemos o erotismo encontrar o cômico, o grotesco se aliar ao íntimo, a paisagem tornar-se corpo e vice-versa. Mesmo sendo figurativos, somos convocados, pelo tema e tratamento formal, a pensar no abjeto, no informe, ainda que, por trás de sua feitura exista uma rigorosa estrutura.





nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art